

Um poeta erudito: Sebastião Uchoa Leite traduz François Villon*

Júlio Castañon Guimarães

EM UMA CONFERÊNCIA DE 1937 sobre "Villon e Verlaine", Valéry adverte mais de uma vez sobre os problemas das aproximações entre vida e obra. A certa altura diz: "Acrescento que o sistema Villon e Verlaine, essa relação aparente e sedutora de dois seres excepcionais com que vou entretê-los, embora capaz de sustentar-se e fortificar-se bastante por certos traços biográficos, enfraquece-se ou desloca-se em sentido contrário se quisermos aproximar as obras como se faz com os homens". Apesar da ressalva, as aproximações entre vida e obra dos dois escritores estão presentes na conferência, o que ressalta de observações como "A vida de François Villon é, como sua obra, bastante tenebrosa em todos os sentidos dessa palavra. Existe muita obscuridade em ambas e no próprio personagem". Em outro trecho, Valéry diz que o que ele faz nessa conferência é exatamente o que ele em geral critica muito: "Acho – este é um de meus paradoxos – que o conhecimento da biografia dos poetas é um conhecimento inútil, se não prejudicial, ao uso que se faz de suas obras e que consiste no prazer ou nos ensinamentos e problemas da arte que delas retiramos."

Na verdade, as aproximações mencionadas acima se impõem, não só a Valéry, mas a todo leitor, no caso, de Villon. E o caso Villon é bastante especial. Sua biografia efetiva ou as lendas que passaram a compô-la exercem grande fascínio. No entanto, o Villon que hoje se tem disponível para leitura é evidentemente resultado de um enorme

* Publicado, com pequenas alterações, no Jornal de Resenhas, *Folha de S. Paulo*, 11 de novembro de 2000, como resenha do livro *Poesia*, de François Villon. Organização e tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 2000.

trabalho de erudição, de pesquisa histórica, de filologia, de crítica textual. Seria uma simplificação, portanto, supor que a leitura de Villon dispensaria o contexto histórico, até mesmo porque boa parte de sua produção está evidentemente relacionada com incidentes de sua biografia. Assim, a traição que Valéry faz a seus princípios é em certa medida inevitável. Lembremos ainda que esse contexto histórico requisitado será também o das formas poéticas. Michel Butor, no estudo "Prosódia de Villon", aborda de modo minucioso e exclusivo as relações entre os sistemas rímico e estrófico de Villon, mostrando que "Villon é certamente o mais 'gótico' de todos os poetas de seu tempo; ele acentua mais que qualquer outro a solidez de sua arquitetura estrófica". Esse aspecto "construtivo" da obra permite a Michel Butor observar que "de todas essas análises, ressalta uma imagem do poeta bem diferente daquela que corre nossos cabarés. Trata-se de uma obra erudita ao extremo, o que não a impede, tanto quanto a de Rabelais, de ser paródica e burlesca, carnavalesca, e não nos permite de modo algum recusar seu valor autobiográfico."

François Villon nasceu em Paris em 1431. Depois de estudar na Universidade de Paris, esteve envolvido em vários casos de roubo e num episódio em que feriu mortalmente um padre. Preso várias vezes, chegou a ser condenado à morte, mas teve a pena comutada em banimento da cidade de Paris. A partir de 1463 não se tem mais notícias dele, não se sabendo o ano de sua morte. A primeira edição de sua obra saiu em 1489. E dessa obra, vários poemas, seja dos mais líricos seja dos mais sarcásticos, estão entre os mais conhecidos da literatura ocidental. Além de numerosos trechos do "Testamento", podem ser mencionadas algumas baladas, como a "Balada das Damas do Tempo Ido" ("Dizei-me onde, em qual país, / Anda Flora, a bela romana"), a "Balada para Rezar a Nossa Senhora" ("Senhora dos céus, terrena regente, / Imperatriz dos charcos infernais"), a "Balada da Gorda Margot" ("Se amo e sirvo a dama de bom grado, / Pensareis que sou vil e cabeçudo?"), a "Balada do Concurso de Blois" ("Morro de sede quase ao pé da fonte, / Quente qual fogo, mas batendo os dentes") ou a "Balada dos Enforcados" ("Irmãos humanos que ainda viveis, / Não sejais corações

endurecidos"). Todavia, não tão conhecida quanto as outras, a balada que fala das línguas invejosas talvez seja das mais exemplares da poética de Villon.

As questões postas pela lírica de Villon – a relação da obra com dados incertos da biografia, a mescla entre forma erudita, os temas da tradição, os episódios infames, a linguagem rebaixada, o personagem de contornos imprecisos que surge a partir dos poemas – são não somente o que a vivificam e a tornam duradoura, mas também o que a tornam desafiadora e intrigante tanto para seu próprio tempo quanto para o nosso. No caso de sua tradução, todos esses elementos são realçados. E o foram no caso do excepcional trabalho de tradução realizado por Sebastião Uchoa Leite e agora reeditado. Há uma evidente afinidade (via ironia, sarcasmo, rispidez, aridez, e o que mais) entre a obra poética do tradutor e a de Villon. Todavia, esse complexo trabalho de tradução naturalmente não se produziria apenas graças a essa afinidade. A esclarecedora introdução e as minuciosas notas do tradutor revelam a carga de conhecimento especializado que empresa de tal porte exige. A massa de informações operacionalizadas e a perícia de tradução resultaram num trabalho que se insere no percurso das raras obras traduzidas que podem adquirir vitalidade na literatura com que passam a conviver. A toda essa situação, porém, preside uma noção de tradução. Ela pode ser apreendida não somente a partir do resultado mas também, em certa medida, da introdução ao trabalho. Todavia, o tradutor, posteriormente à primeira edição de seu trabalho, publicou um estudo intitulado "O Paradoxo da tradução poética. Notas sobre o pequeno e o grande jogo na poesia de François Villon" (incluído em seu livro Jogos e enganos). Enquanto na introdução à tradução, cuida-se de apresentar a obra de Villon, nesse estudo posterior o tradutor se detém especificamente sobre questões da tradução. Se não se estende preponderantemente sobre questões teóricas relativas a uma noção de tradução, discute o texto de Villon tendo em vista o trabalho de tradução a ser executado para dar conta desse texto. Sebastião Uchoa Leite desenvolve uma microanálise de várias passagens do texto de Villon, descendo a numerosas minúcias que exemplificam as dificuldades oferecidas, o trabalho desenvolvido e as soluções propostas. Naturalmente do conjunto de dados

apresentados e de seu comentário depreende-se, se não uma teoria, uma posição crítica consistente em relação à tradução.

No que toca à concepção de tradução, dado importante é a informação, nesta reedição, de que o tradutor introduziu modificações neste novo texto da tradução. Essas modificações não são de grande monta, no sentido de que não alteram grandes extensões de textos, nem trazem mudanças substanciais decorrentes de alteração da concepção de tradução. Trata-se, porém, de modificações em consonância justamente com a noção de tradução exposta pelo estudo e que se depreendem do trabalho realizado. As modificações, que em alguns casos podem se resumir apenas a acréscimo ou eliminação de uma vírgula, são, no entanto, em número considerável. Ocorrem na maioria dos poemas. Chegam a se constituir em substituição de palavras, em inversão na ordem de frases. Naturalmente o objetivo das modificações foi o de melhorar o texto traduzido, o que se efetiva com a busca de uma palavra que capte melhor o sentido da palavra original, com a eliminação de artigos que tornem o verso metricamente mais cerrado, e assim por diante. Na primeira estrofe do Legado, o verso "Que ouvir conselhos é prudente" passa a "Que pensar bem é mais prudente"; na segunda estrofe, o verso "Veio-me a vontade de romper" passa a "Veio-me o anseio de romper"; na terceira estrofe, o verso "Decidi. E a coisa foi feita" passa a "Decidi. E a ação foi feita". Na "Balada da Boa Doutrina", o verso "Vestidos, pregas femininas" passa a "E muitas outras vestes finas"; na estrofe CLIX do Testamento, os versos "Que tisna os mortos (é concorde"; / Evitai o perigo que morde", passam a "Mancha os mortos, há quem discorde? / Evitai esse mal que morde".

O próprio texto de Villon, como todo texto, passou originalmente por tais modificações, que em sua produção serão certamente suposições, mas que no trabalho de edição de sua obra ao longo dos séculos surgem como decorrência do estudo dessa obra. As oscilações entre diferentes lições do texto têm equivalente (e continuidade) nas traduções que se sucedem, sobretudo se essas traduções são norteadas por princípios que encaram a tradução não apenas como uma transposição possível de elementos de

determinado texto, mas como leitura criativa. Em seu estudo "O paradoxo da tradução poética", Sebastião Uchoa Leite, depois de afirmar a tradução como crítica e, portanto, como interpretação, sendo então a tradução uma forma de leitura do texto, "a leitura mais atenta a suas peculiaridades menos transparentes", afirma que "No caso da tradução enquanto interpretação, cada tradução é uma variação de um mesmo objeto". Essa variação tem, é claro, afinidades com as variantes que um texto apresenta ao longo de sua vida (seja durante seu processo de produção, seja durante sua vida pública, via cópias ou edições). Assim, na vida do texto, a tradução tem participação como criação de texto, no sentido em que Henri Meschonnic, em sua poética da tradução, fala da tradução-texto, ou seja, que traduzir um poema é um escrever um poema, numa relação intertextual. A obra de Villon pode ser encarada como um processo – que Butor aponta como a subversão de aplicar uma forma erudita à linguagem popular (e não como uma deformação popular de uma linguagem erudita) – de exploração das possibilidades líricas, exploração que atravessa os séculos, moderna, problematizadora e renovadoramente (inclusive por meio das traduções, como a de Sebastião Uchoa Leite, que em sua árdua tarefa alcançam seu objetivo – o de se inserir nesse processo).